Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

VIVÊNCIAS (IM)PENSADAS PARA O CORPO NA EDUCAÇÃO

(UN)THOUGHT EXPERIENCES FOR THE BODY IN EDUCATION

VIVENCIAS (IM)PENSADAS PARA EL CUERPO EN LA EDUCACIÓN

Isleide Steil
Universidade do Vale do Itajaí - Univali, Itajaí/SC, Brasil

Adair de Aguiar Neitzel
Universidade do Vale do Itajaí - Univali, Itajaí/SC, Brasil

Carla Carvalho
Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB, Itajaí/SC, Brasil

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi discutir como proposições estéticas e artísticas podem gerar, nas estudantes de Pedagogia, formas diversas de se relacionar com o outro e seu entorno, reverberando na prática docente. A metodologia, qualitativa, fez uso da fundamentação cartográfica, e os instrumentos de produção de dados foram as listas-poemas produzidas pelas acadêmicas, além de vídeos e fotografias registradas pelas pesquisadoras. Os resultados apontam que as narrativas corporais produzidas pelas acadêmicas podem repercutir no exercício da docência, uma vez que o corpo anuncia signos e significações, constrói, reconstrói, tece relações e interpreta informações, gerando um revozeamento de práticas discursivas que se texturizam em seus corpos.

Palavras-chave: Corpo; Proposições estéticas e artísticas; Formação de professores.

Abstract

The objective of this research was to discuss how aesthetic and artistic propositions can generate, in Pedagogy students, diverse ways of relating to others and their surroundings, reverberating in the teaching practice. The qualitative methodology used cartographic foundations, and the data collection instruments included the list-poems produced by the students, as well as videos and photographs recorded by the researchers. The results indicate that the bodily narratives produced by the students can have an impact on teaching practice, as the body announces signs and meanings, constructs and reconstructs, weaves relationships, and interprets information, generating a revoicing of discursive practices that are textured in their bodies.

STEIL, Isleide; AGUIAR NEITZEL, Adair de; CARVALHO, Carla. VIVÊNCIAS (IM)PENSADAS PARA O CORPO NA EDUCAÇÃO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 67, N. 67, p. 1-22, Dezembro, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Keywords: Body; Aesthetic and artistic propositions; Teacher Education.

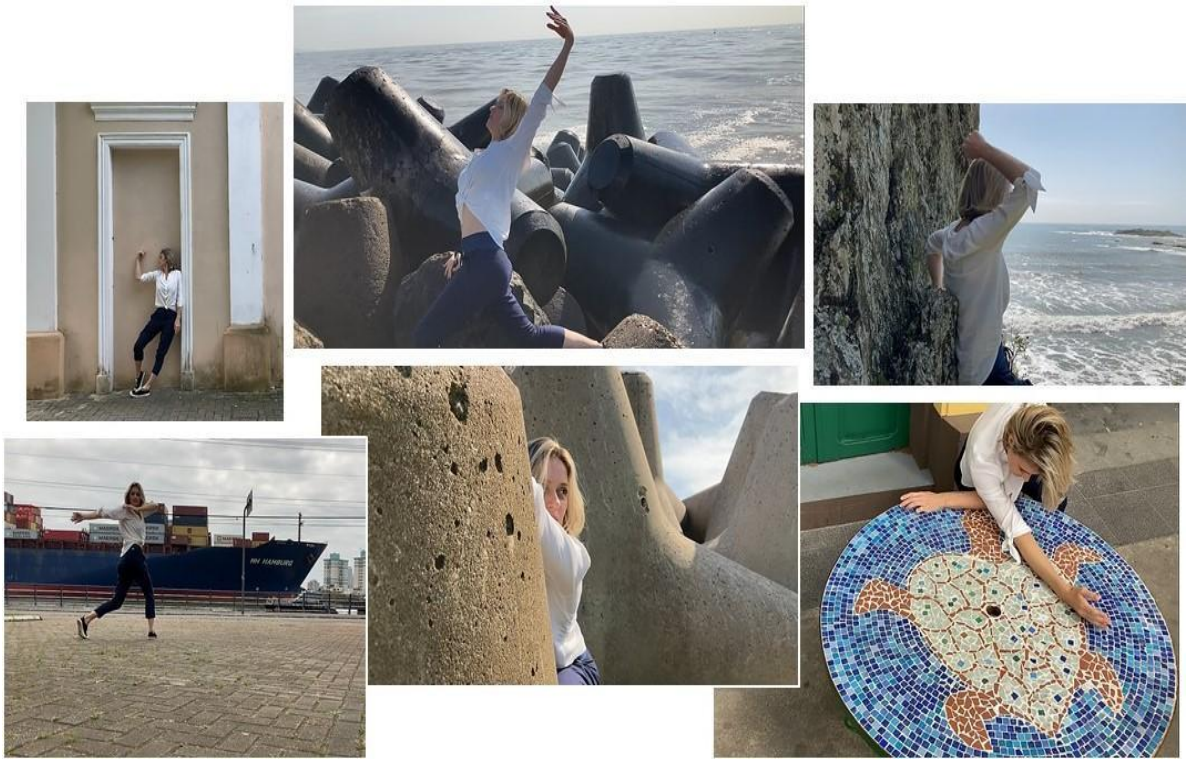
Resumen

El objetivo de esta investigación fue discutir cómo las propuestas estéticas y artísticas pueden generar, en las estudiantes de Pedagogía, formas diversas de relacionarse con el otro y con su entorno, repercutiendo en la práctica docente. La metodología, de carácter cualitativo, utilizó la fundamentación cartográfica, y los instrumentos de producción de datos fueron las listas-poemas elaboradas por las académicas, además de videos y fotografías registradas por las investigadoras. Los resultados indican que las narrativas corporales producidas por las académicas pueden repercutir en el ejercicio de la docencia, ya que el cuerpo anuncia signos y significados, construye, reconstruye, teje relaciones e interpreta informaciones, generando una polifonía de prácticas discursivas que se texturizan en sus cuerpos.

Palabras clave: Cuerpo; Propuestas estéticas y artísticas; Formación de profesores.

Introdução

Figura 1 - Relação do corpo dançante com a cidade



Fonte: Acervo da pesquisa.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

As imagens da Figura 1 foram capturadas de um vídeo que evidencia a relação que a dançarina estabelece, por meio do corpo, com sua cidade. Ela escolheu espaços para se relacionar e interagir com eles por intermédio de movimentos dançantes, música e poesia (O corpo [...], 2021). Sua inserção leva-nos a perceber que seu corpo é habitável, movente, vivível, pois responde a cada espaço de forma diferente, dialogando com ele. Com seu corpo, ela olha, escuta, sente e filtra o mundo ao seu redor, ressignificando as paisagens. A dançarina, assim como nós, é um corpo. Sua inserção provoca-nos a pensar na relação de nosso corpo com os espaços urbanos: Como os lemos, sentimos e interpretamos?

Petit (2019, p. 169) anuncia que "[...] escrever ou ler começa no corpo", partindo do princípio de que, ao articularmos corpo e palavra, convocamos modos singulares de subjetivação e significação, possibilitando o surgimento de relações poéticas entre sentido e significado. O saber corporal que produzimos pode ser uma texturização de repressões e interdições ou de tessituras poéticas, percepções inscritas no diálogo com o mundo que nos rodeia. No entanto, há uma tensão que se estabelece nesse saber corporal que nos impulsiona a pensar em como subjetivamos essas relações por meio do nosso corpo, como produzimos experiências sensíveis e inteligíveis e como texturizamos aquilo que está diante de nós. Nosso ponto de partida será pensar o corpo na escola e na universidade, no intuito de discutir como proposições estéticas e artísticas podem gerar, nos estudantes de Pedagogia, formas diversas de se relacionar com o outro e o seu entorno, reverberando na sua prática docente.

Rubem Alves (2013), em seu texto *Proposta Inusitada*, chama a atenção para a racionalização das práticas educativas, que não preparam para um discurso dialógico, mas para a repetição do discurso do outro, sem oferecer espaço para a arte de pensar e expressar os próprios pensamentos: "Mas falar sobre os próprios pensamentos – ah! Isso não lhes tinha sido ensinado. [...]. O excesso de leitura a havia feito esquecer e desaprender a arte de pensar" (Alves, 2013, p. 159). O autor aponta a dificuldade de candidatos ao doutoramento responderem a simples pergunta: "Fale-nos sobre aquilo que você gostaria de falar". Dissertar sem um direcionamento ou assunto específico pode ser desafiador perante os outros, pois exige expor a própria subjetividade e compreender sua singularidade no coletivo. É

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

preciso deslocar-se de espaços e tempos e acessar a nós mesmos – nosso olhar, nosso pensamento e nossa percepção –, compreendendo que esse movimento se constitui com o outro para, na alteridade, reconhecermos nossa singularidade.

Falar sobre nós mesmos pode ser amedrontador, seja por meio de enunciados escritos, orais ou corporais, pois isso exige olhar para si, expor-se, trazer à tona nossas histórias, relações, subjetivações e pensamentos. É necessário um deslocamento do espaço habitual, uma expressão que envolve os olhos, a fala e o corpo. Para lidar com essa inquietação, compreendemos a relação inseparável entre as dimensões racionais e sensíveis do conhecimento, que, muitas vezes, nos contextos educacionais, são tensionadas ou até apartadas diante dos tempos e espaços desse ambiente. Enxergamos, na arte, esse movimento inseparável e complexo que a estética mobiliza. “Para ver diferente, é preciso experimentar-se diferente. Aprendermos a depararmo-nos com aquilo que é surpreendente, fresco, um ar novo, uma ideia nova que nos move sem que nem suspeitássemos dela” (Sastre; Silva, 2021, p. 180).

Partindo da relevância da arte na formação humana, apresentamos, neste artigo, uma pesquisa em rede que envolveu 22 universidades da América Latina. A pesquisa discute a importância das artes na formação docente, com o objetivo de compreender as bagagens artísticas/culturais dos alunos dos cursos de Pedagogia. O estudo busca responder às seguintes questões: Como as bagagens artísticas/culturais de estudantes de Pedagogia contribuem para sua leitura de mundo? Quais bagagens poéticas levamos em nossos deslocamentos? Desses movimentos, trazemos novas bagagens? Qual é a importância de oportunizar momentos de construção dessas bagagens artísticas/culturais para os estudantes de Pedagogia?

Martins e Lombardi (2015) realizaram uma pesquisa com um grupo de professores de Pedagogia em diferentes regiões do Brasil. A investigação, conduzida por um coletivo de pesquisadores nacionais, revela diversas faces dos problemas relacionados à formação dos docentes que atuam nos cursos de Pedagogia nas universidades brasileiras. As autoras destacam “outras faces do problema”, referindo-se ao desejo por “[...] um maior aprofundamento nas linguagens específicas com professores especialistas até a proposta interdisciplinar, a polivalência, a segmentação das linguagens” (Martins; Lombardi,

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

2015, p. 33). Além disso, os problemas ligados à formação dos docentes de "[...] futuros professores e às concepções sobre as linguagens artísticas, [que] refletem no modo como atuam" (Martins; Lombardi, 2015, p. 33).

Isso nos leva a pensar sobre os currículos de Pedagogia, o acesso limitado às práticas artísticas na formação docente desses estudantes e a importância de integrar o conhecimento estético e artístico nesses currículos. Os modos de subjetivação do conhecimento ocorrem em diferentes espaços e tempos, mas a escola, seja na educação básica ou nos cursos de graduação, é um espaço privilegiado para potencializar essa relação.

Icle e Alcântara (2021) trazem à tona a narrativa de Bell Hooks, que aponta que a prática pedagógica deve ser um lugar de entusiasmo, no sentido de estabelecer uma relação com o outro, e que o ato de ensinar se assemelha ao ato teatral. Isso reafirma que o conhecimento também ocorre por meio da arte, do ato teatral, da dança, da música, do sentir e do movimentar as palavras, revelando que a subjetividade não está apartada da racionalidade.

Para refletir sobre as bagagens culturais/artísticas dos estudantes de Pedagogia, podemos observar como seus corpos se comportam perante proposições estéticas e artísticas, como se sensibilizam e como se permitem estabelecer uma relação com a arte, seja com a música, seja com a dança. Corpos que têm mais proximidade com a arte tendem a ser mais receptivos a práticas não habituais, pois se permitem ver com outros olhos. "Para deslocarmos o ponto de vista cheio de nós mesmos, do que acreditamos ser certo ou errado, produtivo ou não, é necessário distender o tempo e o espaço para ceder às forças e formas que podem se dar no encontro. Ver é mais imergir que contemplar" (Sastre; Silva, 2021, p. 179).

Os processos práticos com a arte adentram as fissuras das significações, permitem o cintilar de um outro olhar, de um outro sentido. Um exemplo disso é o corpo em movimento que busca um encontro com o sentido de uma palavra, deslocando, por meio de sua subjetividade, o conhecimento para outros espaços e tempos, para outras relações.

Nesse sentido, trazemos o conceito de corpografia, que "[...] trabalha com a ideia de corpos vivos, corpos pululantes e pulsantes como espaço criativo de ressignificação do texto literário, a ideia de ter o corpo como propositor de leituras"

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

(Neitzel; Steil; Barontini, 2022, p. 292). As autoras relacionam a corpografia ao texto literário; desse modo, o corpo torna-se um objeto propositor para uma leitura literária fruitiva, para adentrar o texto e permitir ser afetado por ele. Neste estudo, ampliamos o conceito de corpografia ao relacioná-lo com a palavra, sem ter a ideia de um texto completo.

A corpografia oportuniza um encontro com a subjetividade, com a percepção e a criação. Trata-se de um deslocamento, um estranhamento e um encontro do ser com suas vozes internas e externas do mundo, pois "[...] a todo tempo, e em diferentes dimensões, formamos a nós mesmos enquanto criamos e criamos enquanto nos formamos, pois nenhuma prática pode estar isenta de modos de assujeitamento/subjetivação" (Icle; Alcântara, 2021, p. 160).

Como desdobrar, no corpo em movimento, uma palavra do cotidiano que sempre estabelece as mesmas relações diárias? Como transformar formas e conteúdos que já conhecemos ou que já possuem significados prontos? É o corpo protagonizando os sentidos das palavras. "A corpografia prima por um cenário que enriqueça a experiência corporal e leitora, sem cerceamento táctil e privação dos sentidos, uma visão que se caracteriza pela valorização do sujeito corporificado" (Neitzel; Steil; Barontini, 2022, p. 294).

A relação entre corpo, palavra, corpografia e música provoca o anunciar de um corpo dançante, que, para Steil (2021, p. 105), é o corpo que se percebe "[...] na sua autenticidade e no movimento que dança, um corpo aberto às experimentações, à pesquisa, à troca, um corpo presente e atento às suas singularidades". Expressar com o corpo ações cotidianas de formas inusitadas, nunca experimentadas, foi uma das propostas feitas aos alunos de Pedagogia. Os sujeitos foram desafiados a criar, a experimentar, a pensar com o corpo para expressar, por exemplo, como acolher com o nariz, como ver com as pernas ou, ainda, como ouvir com o pé.

Nesse movimento, surge um corpo dançante que busca e descobre outros modos de olhar, de acolher, de ouvir, pois ele se permite assumir uma posição, uma postura, ou um movimento não experimentado anteriormente em seu cotidiano. O corpo dançante transforma a linguagem verbal em corporal de forma poética, e esse corpo que dança anuncia outros modos de olhar o mundo.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Metodologia

Esta pesquisa qualitativa optou pelo método cartográfico, que, segundo Passos e Barros (2009, p. 17-18), "[...] é o traçado de um plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, pesquisador e a produção de conhecimento) do próprio percurso da investigação". Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 14) assinalam que esse é um método dinâmico, em constante movimento, o qual possibilita ao pesquisador "[...] desenvolver e coletivizar a experiência do cartógrafo". As pesquisadoras assinalam pelo menos oito pistas que orientam o cartógrafo na sua pesquisa: 1) A cartografia como método de pesquisa intervenção; 2) O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo; 3) Cartografar é acompanhar processos; 4) Movimentos-funções do dispositivo no método da cartografia; 5) O coletivo de forças como plano de experiências cartográficas; 6) Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador; 7) Cartografar é habitar um território existencial; e 8) Por uma política de narratividade. Ao longo de nossa pesquisa, orientamo-nos por essas pistas.

Além desses movimentos, Kastrup (2009) sugere que o pesquisador se detenha sobre quatro variedades da atenção do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento, posturas que orientaram nosso olhar de pesquisadoras ao longo do desenvolvimento desta pesquisa em rede, intitulada *Formação docente em e com artes/culturas*. O objetivo foi explorar o que era percebido e vivenciado como bagagem artística/cultural por estudantes do curso de Pedagogia. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da instituição proponente.

Para implementar esta investigação, os grupos de pesquisa das universidades envolvidas planejaram proposições estéticas nas áreas das artes visuais, literatura, música e *performance* corporal. Essas proposições visavam a provocar os(as) acadêmicos(as) do curso de Pedagogia a fazerem uma experiência sensível, sendo um convite para a estesia. Entendemos que, para fazer uma experiência com a arte, é fundamental uma relação de fruição com o objeto artístico e estético, possibilitando momentos de apreciação acompanhados de reflexão, e, nessa relação, o sujeito pode afetar-se. As proposições tinham, dessa forma, o objetivo de nutrir esteticamente os(as) estudantes.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Cada instituição participante dessa rede de pesquisadores elaborou três proposições, totalizando 21 produções. Dessas, o grupo optou por cinco proposições estéticas, e cada universidade foi orientada a escolher pelo menos três para desenvolver com um grupo de acadêmicas de Pedagogia. Este artigo apresenta as análises e as reflexões produzidas a partir da proposição intitulada "Da memória musical ao movimento: vivências (im)pensadas para o corpo (Parte II)", experienciada por um grupo de 20 acadêmicas do curso de Pedagogia, de uma universidade do Sul do Brasil, integrante da rede ACAFE.

A pesquisa foi desenvolvida na disciplina de Educação Musical, ministrada para o terceiro período do curso de Pedagogia, modalidade presencial, durante o período noturno. Foi destinado um encontro para essa proposição, e o primeiro momento ocorreu em uma sala de aula, com carteiras dispostas em semicírculo (Figura 2). A partir disso, estabelecemos como objetivo neste artigo discutir como proposições estéticas e artísticas podem gerar nos estudantes formas diversas de se relacionar com o outro e o seu entorno, reverberando na sua prática docente.

Figura 2 – Início da proposição



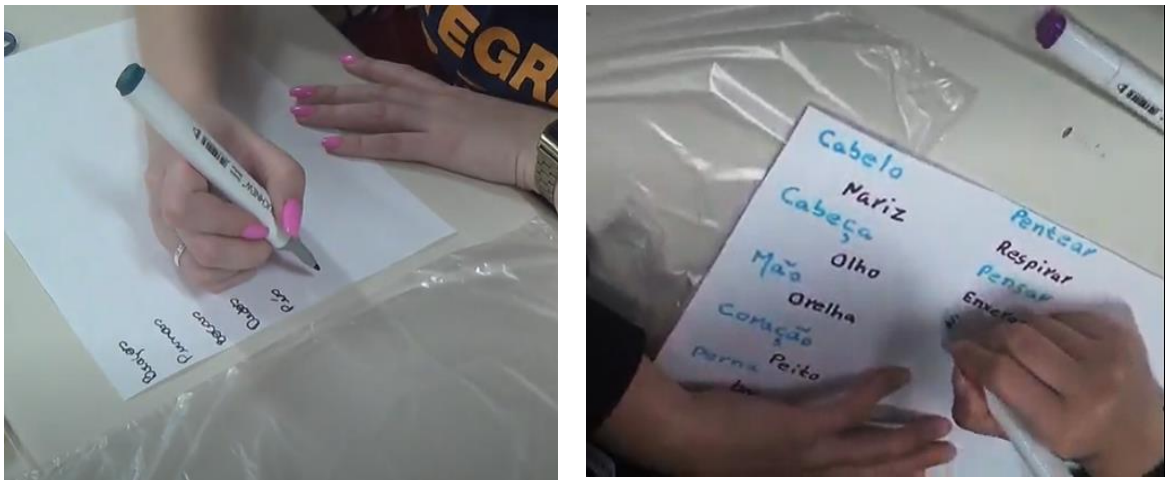
Fonte: Acervo das autoras.

Nessa primeira parte da proposição, as estudantes foram convidadas a escrever em papéis, que estavam sobre suas mesas, uma lista com as partes do corpo cujos nomes viessem à mente (Figura 3). Em seguida, deveriam relacionar

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

cada uma dessas partes a uma ação associada a elas, formando assim duas listas. Por exemplo: mãos – pegar; boca – beijar.

Figura 3 – Lista "Partes do corpo e ações corporais"



Fonte: Acervo das autoras.

Na sequência, elas deveriam recortar cada uma das partes do corpo e as respectivas ações, mantendo-as separadas em dois grupos, cada grupo em um saquinho diferente. Depois, fariam um sorteio, retirando sempre um nome e um verbo por vez, e colando esse novo arranjo de relações em um novo papel. Ao final desse processo, cada estudante teria uma espécie de lista-poema (Figura 4), que a convidaria a uma série de vivências impensadas para o corpo, misturando suas partes e suas ações. Como seria, por exemplo, mãos para beijar/boca para andar?

Figura 4 – Lista-poema



Fonte: Acervo das autoras.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

O segundo momento dessa proposição ocorreu em uma sala de aula sem móveis, para que as estudantes pudessem se movimentar livremente. Elas deveriam ler a lista-poema que haviam produzido, ao som de músicas selecionadas pelas pesquisadoras, experimentando uma dança com o imprevisível. Dessa forma, movimentos que materializassem a lista-poema deveriam ser produzidos, como pés que ouvem, joelhos que escrevem, pernas que cheiram, nariz que olha, entre outros.

Os instrumentos de produção de dados incluíram as listas-poemas produzidas pelas acadêmicas, além de vídeos e fotografias registrados pelas pesquisadoras. Em síntese, nossa pesquisa produziu e observou os procedimentos metodológicos apresentados na Figura 5.

Figura 5 – Procedimentos metodológicos



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os dados coletados por meio das listas-poemas, vídeos e fotografias permitiram uma análise das experiências corporais e discursivas das acadêmicas, possibilitando a compreensão de como essas narrativas podem reverberar na formação docente. Com base nesses dados, na sequência, cartografamos os resultados, explorando como as proposições estéticas geraram novas experiências

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

e deslocamentos nas acadêmicas, tensionando o previsível e abrindo espaço para o inesperado.

Cartografando resultados

Uma proposição estética e artística é um convite para se fazer uma experiência, é uma provocação que mobiliza saberes e sentidos, um gesto de encontro que nos leva a tensionar saberes construídos, imprimindo um esforço para nos estender ao outro e ao desconhecido, muitas vezes ao imprevisível. Entre a ordem e a desordem, entre as certezas e as vacilações, o acaso pode gerar um movimento nas tramas das relações complexas que vamos estabelecendo no mundo e com ele, gerando novas oportunidades, citado por Meira como uma desordem criadora, pois gera uma "[...] *ordem nova* que substitui e pode ser superior à antiga" (Meira, 2015, p. 13). A autora evidencia que, ao excluir a desordem das histórias humanas e instituir a ordem nos sistemas pedagógicos, naturalizam-se rituais de utilidade, desprezando o lúdico, o onírico e o imaginário em detrimento da razão, da ordem, comprometendo, assim, uma concepção ampliada e plural da realidade.

No século XXI, a arte na formação docente assume uma função descolada de um valor de verdade representativo, desestabilizando e dissolvendo certezas, e contribuindo para a desnaturalização do olhar visível. A arte desloca as coisas de lugar, tornando-se um campo de experimentação, investigação e produção de sentidos (Meira, 2015). Essa produção ocorre em uma corporeidade, envolvendo emoções, sentimentos, afetos, pensares e discursos que são textualizados em nossos corpos. "A educação necessita desse espaço lúdico, experimental, processual, aberto, que permita com que o aluno, mesmo temeroso, arrisque-se na experiência que o arremessa no estranho, no desconhecido, na pura virtualidade" (Meira, 2015, p. 17).

Utilizamos essa afirmação de Meira para responder à pergunta: Por que solicitar aos estudantes de Pedagogia a produção de uma lista-poema e, a partir dela, criar movimentos impensados? Essa proposição tinha como objetivo provocar as estudantes a perceberem seus corpos, observando que os discursos produzidos por eles podem mudar, arriscando-se, assim, à imprevisibilidade. Jogar

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

com as palavras é um exercício que implica ressignificar a linguagem e demanda lentidão. Ao elaborar uma lista-poema dessa natureza, adentra-se um campo poético que desafia a ordem natural das coisas. Para isso, é necessário jogar, acionando tanto a razão quanto a sensibilidade.

O primeiro movimento foi pensar no corpo, em suas partes, e listá-las: cabeça, ombro, pé, cabelo, orelha, nariz, braços, entre outras. O segundo foi refletir sobre as ações que cada parte do corpo pode produzir. Nossos pés podem andar, nadar, correr, saltar, mas não beijar, abraçar ou falar. Será? Jogar com a imprevisibilidade nos leva a criar aforismos, a gerar inovação: um pé que canta, escuta, coça a cabeça, come, respira... Há inúmeros exemplos na literatura de artistas e escritores que produziram obras geniais justamente por desafiar as regras e criar imagens.

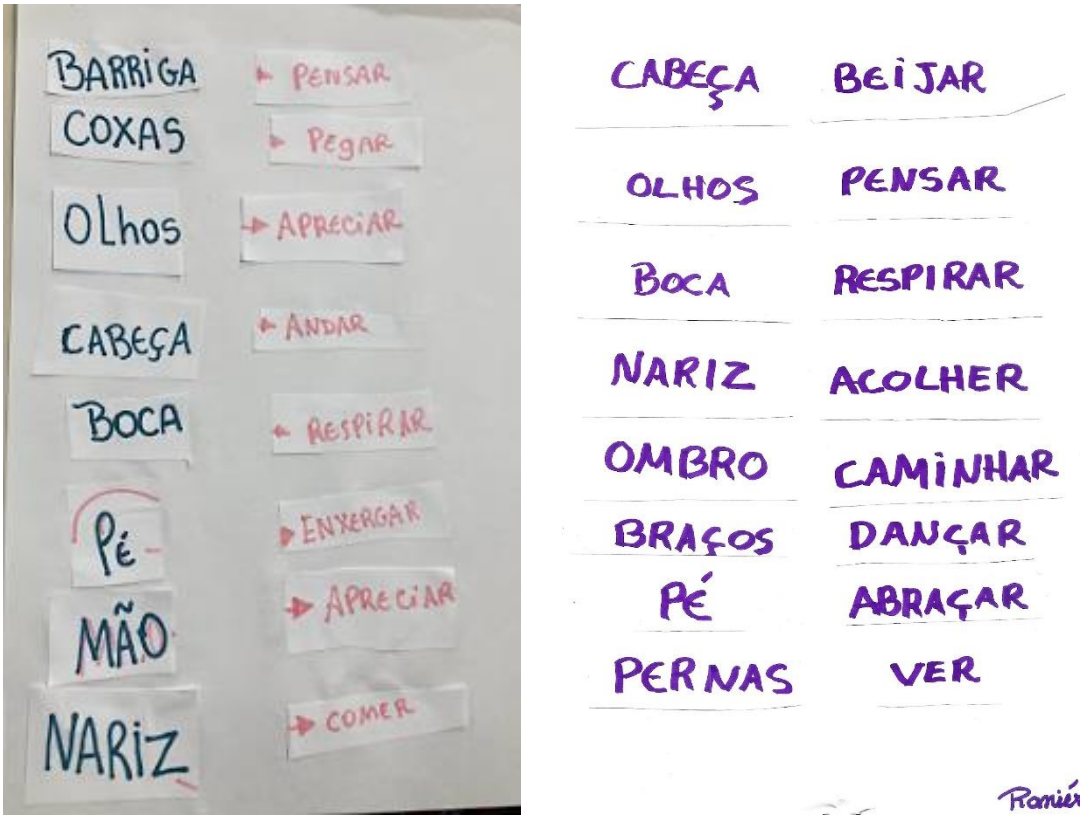
É preciso uma desordem mental para tornar o previsível imprevisível, criar dobras nos sentidos das palavras que estão desgastadas. Isso produz “devaneios de intimidade” (Bachelard, 2000, p. 91), um convite às acadêmicas para que dessem “às palavras seu ser poético” (Bachelard, 2000, p. 91), evocando nelas a capacidade de criar uma “leitura suspensa” (Bachelard, 2000, p. 33).

Nesse exercício do absurdo, na quebra do automatismo do gesto, reescrevemos formas de pensar e ler nosso corpo, acordamos nossa liberdade de jogar e introduzimos aberturas poéticas que acionam novas imagens, as quais podem ser exploradas, permitindo que nossa percepção do corpo se amplie. “Com a poesia a imaginação coloca-se na margem em que precisamente a função do irreal vem arrebatar ou inquietar – sempre despertar – o ser adormecido nos seus automatismos” (Bachelard, 2000, p. 18).

Para Bachelard (2000), a imaginação é a potência maior da natureza humana, alargando-se na faculdade de produzir imagens, um movimento que nos desprende do passado e da realidade, estendendo-nos a novas produções da linguagem. Para que nosso corpo produza novas textualidades, é preciso desestabilizar a forma como o pensamos, pois a partir desse movimento que novas representações discursivas são geradas. As listas-poemas geradas (Figura 6) abriram as gavetas do que Bachelard (2000, p. 21) denomina “estética do oculto”.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 6 - Lista-poema



Fonte: Acervo das autoras.

As listas-poemas não apenas retiraram a linguagem de seu papel utilitário, mas também enriqueceram a maneira como as estudantes perceberam seu corpo, ao produzirem novas imagens que as provocaram a habitar lugares antes inabitáveis por seus corpos. Enquanto a criação das listas-poemas foi um processo individual e solitário, a produção de movimentos a partir delas ocorreu em grupo (Figura 7), o que exigiu das estudantes um abrir-se para o outro, um revelar de sua intimidade. A coisa (lista-poema) encerra promessas, é enigma a ser decifrado, a ser concretizado em imagem viva, que, como um lençol, se dobra e empilha, mas também se desdobra.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 7 - Lista-poema: produção de movimentos



Fonte: Acervo das autoras.

Neumann e Anjos (2020, p. 102) argumentam que a experiência com a linguagem poética nos provoca a tatear um "espaço de refúgio, de recomposição de si", "espaço da liberdade, da reconstrução", apresentando uma concepção de linguagem como deflagradora de experiências significativas, as quais se dão na lentidão, na forma como nos relacionamos com o mundo. A autora e o autor propõem uma reflexão sobre o poder fundador da linguagem, um poder que não se restringe à decodificação de mensagens, rompendo com o caráter instrumental normalmente atribuído à linguagem. Uma lista-poema que subverte a função utilitária do corpo e da linguagem coloquial trabalha com sentidos conotativos e estabelece lacunas, pois coloca acento naquilo que não é literal, na metáfora – a expressão suprema da arte – para anunciar o simbólico, provocando o público à produção de múltiplos sentidos.

Em grupo, o exercício da metáfora corporal desenvolveu-se, e, no conjunto, imagens foram integradas em um corpo dançante, o qual buscava a adesão do outro, levando o corpo a ser moradia de outras coisas desenraizadas. No grupo, a imaginação foi trabalhada, e cada um buscou seu "canto do mundo" (Bachelard, 2000, p. 24), testando seus limites e assumindo o direito de jogar e de sonhar. Ao jogar em grupo, memórias são acionadas, pois "[…] memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

constituem na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem" (Bachelard, 2000, p. 25). Para o autor, as imagens poéticas assumem notabilidade porque elas acendem a chama da imaginação que repercute em nós.

Há de ressaltarmos que, quando estamos em grupo, a vigilância que o outro exerce sobre nosso corpo pode nos travar, mas essa trava pode ser destravada, como sinalizam Gonçalves, Azevedo e Ferracini (2020). Muitas das travas que nosso corpo encerra podem ser destravadas por meio de uma proposição estética e artística (Figura 8). Observemos os gestos produzidos pelas acadêmicas: vemos gestos impensados, imprecisos e fugazes, que sinalizam um aforismo corporal.

Figura 8 - Lista-poema: corpos destravados



Fonte: Acervo das autoras.

Como esse exercício poético pode reverberar na docência uma vez que esses sujeitos são licenciandas em Pedagogia? Ribeiro e Carvalho (2021, p. 121) discutem "[…] o sujeito na sua singularidade, não apartado do mundo, mas na singularidade em que se percebe", evidenciando como "[...] as vivências nos direcionam para aquilo que nos constitui no que somos" (Ribeiro; Carvalho, 2021, p. 121). Assim sendo, somos o desenredo de um conjunto de experiências, as quais, inclusive, concorrem para a nossa formação humanística e política, formação que não pode se dar apartada da formação técnica e pedagógica.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Uma licencianda que se abre para criar uma ordem de movimentos pode, nesse processo formativo, entender que "[...] o que somos é indissociável do corpo, do meio, da cultura, do espírito" (Ribeiro; Carvalho, 2021, p. 133). Essa compreensão não se revela apenas no ato do gesto, mas no próprio processo formativo, visto que são gestos que podem repercutir em suas ações em sala de aula. As proposições estéticas e artísticas são, para nós, deslocamentos que contribuem para a educação estética das licenciandas, um movimento atrelado ao aceite de jogar. "Eis um ponto importante para aceitar jogar com a obra e educar-se esteticamente: abrir mão de nossa limitada perspectiva acerca do mundo, das coisas que pensamos saber, para compreender outros mundos e, assim, identificar os revozeamentos do texto" (Neitzel; Piske; Hentchen, 2023, p. 409). As autoras referem-se aos revozeamentos dos textos literários; neste artigo, porém, queremos nos referir aos revozeamentos do nosso corpo, dos discursos que nele estão inscritos.

Os registros fotográficos evidenciam gestos expressivos, impulsionados pela música, pois nosso corpo, conforme Gonçalves e Gonçalves (2018, p. 147), é "[...] capaz de aferir sentidos aos modos de experiências à vida que impliquem menos precisão e mais polissemia, menos coerção e mais dialogia, menos ordem e mais caos [...]". Não há como desvincular corpo e discurso, e, nesses movimentos, observamos materialidades passíveis de análise, como cabelos, pés, cotovelos e mãos, que vagam livremente pelo ar, buscando realizar ações não pensadas. Esses gestos anunciam "[…] corpos vivos, corpos pululantes e pulsantes como espaço criativo de ressignificação [...]" (Neitzel; Steil; Barontini, 2022, p. 292).

Gonçalves e Candido (2016) discorrem sobre o corpo que se movimenta e dialoga com outros corpos, e, por meio dele, se expressa, comunica, interage e anuncia suas trajetórias e percepções. Para os autores:

> O corpo não fala e se move em momentos separados – não se move para falar, nem se fala para mover, uma atividade não ocorre antes ou depois da outra, e sim agem juntas. Enquanto dança, o corpo também fala, produz sentidos, constitui textos sígnicos passíveis de leituras. (Gonçalves; Candido, 2016, p. 24).

Os movimentos registrados aqui evidenciam que as acadêmicas se engajaram no jogo proposto, e, ao fazê-lo, produziram novas textualizações

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

corporais, repletas de atravessamentos de vida e discursos que geram vozes capazes de provocar uma forma de falar de si ou de criar outras textualizações.

Os registros demonstram o fluir dos trajetos dos corpos naquele espaço e como a imprevisibilidade proposta pelas listas-poemas desconcerta os sujeitos, que, por meio delas, se contam, se narram. A imprevisibilidade é a "[...] fratura do universo parevisível" (Gonçalves; Gonçalves, 2018, p. 143) e, por intermédio dessa fratura, o corpo anuncia signos e significações, constrói, reconstrói, tece relações e interpreta informações, gerando um revozeamento de práticas discursivas (Gonçalves; Azevedo; Ferracini 2020). Como essas narrativas corporais produzidas pelos acadêmicos podem repercutir no exercício da docência?

Em primeiro lugar, entendemos que essa repercussão está relacionada ao reconhecimento que o sujeito faz de si mesmo, de como percebe seu corpo, incluindo gestos involuntários que podem gerar outros voluntários, e à tomada de consciência de que seu corpo existe como um corpo sensível e inteligível, repleto de possibilidades, e de que "[…] a ideia se esculpe no corpo" (Almeida, 2020, p. 72). Em segundo lugar, é necessário pensar o corpo como uma linguagem viva, na qual "[…] corpo e discurso realizam o próprio homem e a ele se integram indissociavelmente" (Gonçalves; Gonçalves, 2018, p. 142). Em terceiro lugar, nossa aprendizagem se dá de forma hipertextual, visto que integramos diversos saberes, atravessados pelo corpo, e ela não ocorre de forma isolada e linear. Por isso, esses exercícios poéticos podem gerar grandes sortidos interpretativos, propulsores de sentidos e saberes, que têm o potencial de modificar nossa maneira de ensinar e aprender.

Retomemos o vídeo apresentado no início deste artigo, intitulado *O corpo dançante e a cidade*, produzido por Isleide Steil (O corpo [...], 2021). Nele, a dançarina, professora e pesquisadora faz uma incursão pela cidade para evidenciar como nosso corpo dialoga com o entorno. Na interação com os espaços, Steil reconhece não apenas os ambientes, mas, principalmente, seu próprio corpo. Nesse jogo e relação, ela faz uma experiência estética e artística, nutrindo-se esteticamente. Ao explorar espaços públicos por meio da dança, literatura e música, seu corpo dançante valoriza o poético e anuncia: "[...] nesse processo de estudo, algo diferente surgiu em mim – uma maior atenção em relação ao meu corpo com o meio ao qual eu adentro" (Steil, 2021, p. 141). Talvez

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

esta seja a maior contribuição desta pesquisa para a formação dos futuros professores: a atenção ao próprio corpo, o permitir-se escutar e sentir suas sensações, e explorar essas percepções. Afinal, a formação docente não deveria ser apartada da vida, mas, sim, propulsora de experiências sensíveis.

Considerações finais

Esta pesquisa foi desenvolvida em rede por várias universidades, com cada instituição selecionando três proposições para serem exploradas com uma turma do curso de Pedagogia. Neste artigo, analisamos os registros da Parte II da proposição intitulada “Da memória musical ao movimento: vivências (im)pensadas para o corpo”. Ao longo do texto, discutimos como proposições estéticas e artísticas podem mobilizar nos estudantes de Pedagogia diversas formas de se relacionar com o outro e com o entorno. Apostamos na ideia de que um professor ou professora sensível à arte, que compreende e mobiliza diferentes modos de linguagem de maneira sensível, artística, crítica e estética, terá essa sensibilidade reverberada em sua prática docente.

Nossa discussão pautou-se nos dados produzidos com as estudantes de Pedagogia, a saber: a) produção de uma lista-poema; b) exercício poético corporal. As listas-poemas exigiram que as estudantes atribuíssem à linguagem uma função conotativa, não utilitária, explorando a criação de metáforas com o objetivo de ampliar a produção de imagens, provocando-as a pensar em lugares inabitáveis por seus corpos. A partir dessas listas-poemas, as estudantes foram provocadas a produzir movimentos impensados, habitando o espaço com novas significações corporais, efetuando fraturas no que era habitual e gerando espasmos e tensões corporais.

Esse exercício poético e performático imprevisível desconcertou as estudantes e as fez experimentar outras formas de comunicação corporal. Ao produzirem novas textualidades corporais, foram provocadas a desconstruir a ordem habitual de seus discursos corporais e a construir uma nova ordem. Esse movimento normalmente está atrelado à subjetividade, pois envolve a produção de emoções, sentimentos, novas percepções e criação. No entanto, todo o processo é guiado por escolhas (esta palavra e não aquela, este gesto e não aquele), o que

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

indica que a subjetividade não ocorre apartada da objetividade; o sensível não se separa do inteligível, das escolhas e da responsividade das pessoas em relação ao seu contexto.

Entendemos que as narrativas corporais produzidas pelas acadêmicas podem repercutir no exercício da docência, uma vez que, ao experimentá-las na disciplina de Educação Musical, as acadêmicas podem questionar o lugar do corpo no currículo, especialmente considerando o espaço reduzido que essa linguagem artística ocupa no curso de Pedagogia. O convite as levou a se arriscarem em linguagens que, apesar de vivenciarem com frequência, não são parte de sua rotina acadêmica. Ao aceitarem o desafio, saíram do previsível e se lançaram em uma trajetória desconhecida, compreendendo que a rotina da sala de aula pode ser transformada, abrindo espaço para o lúdico, o onírico e o imaginário em um percurso que possibilita uma concepção mais ampla e plural da realidade. As proposições estéticas promoveram uma quebra no automatismo dos gestos, oferecendo a oportunidade de reescreverem outras formas de pensar e ler seu corpo. Aberturas poéticas podem acionar novas imagens e ressignificar o fazer docente, ao compreender que as práticas pedagógicas podem ir além do previsível e do costumeiro, e que a educação, acima de tudo, perpassa pelo corpo.

Referências:

ALMEIDA, Márcia. Experiência estética do dançarino no ato da dança, conhecimento sensível, expressão poética: corpo com-tato da obra artística. *In*: SOUZA, Marco Aurélio da Cruz; CARVALHO, Carla (org.). **Arte e estética na educação**: corpo sensível e político. Curitiba: CRV, 2020. p. 61-74.

ALVES, Rubem. **Lições do velho professor**. Campinas: Papirus, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GONÇALVES, Jean Carlos; AZEVEDO, Sônia Machado de; FERRACINI, Renato. Corpo que pesquisa corpo [Além do rio azul]: Um posfácio. *In*: GONÇALVES, Jean Carlos; AZEVEDO, Sônia Machado; FERRACINI, Renato (org.). **Corpo e(n)cena**: ensaios urgentes. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 213-215.

GONÇALVES, Jean Carlos; CANDIDO, Tais Castilho. Enunciado-dançado: *approach* bakhtiniano sobre o ballet clássico na escola. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 14-27, out./dez. 2016.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

GONÇALVES, Jean Carlos; GONÇALVES, Michelle Bocchi. Teatralidade e Performance na pesquisa em Educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 139-155, jan./fev. 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-4060.56081

ICLE, Gilberto; ALCÂNTARA, Celina Nunes. Formação, subjetividades e criação. *In*: ICLE, Gilberto (org.). **Formação e processos de criação***:* pesquisa, pedagogia e práticas performativas. São Paulo: Editora Max Limonad, 2021. p. 143-162.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lúcia. A arte na pedagogia e a formação do professor para educação infantil e anos iniciais: inquietações e esperanças. **Revista Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n. 2, 2016. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/8350. Acesso em: 20 fev. 2025.

MEIRA, Mirela Ribeiro. "Infanciamento": desordem, criação e mutações ético-estéticas na formação docente. *In*: CARVALHO, Carla; NEITZEL, Adair de Aguiar; BRIDON, Janete (org.). **Cultura, Escola e educação criadora**: formação estética e saberes sensíveis. Itajaí: Editora da Univali; Joinville: Editora da Univille, 2015. p. 12-26.

NEITZEL, Adair de Aguiar; PISKE, Gabriela; HENTCHEN, Luana Camila. A experiência estética e artística da leitura do literário: o exercício de enxergar o mundo com os dois olhos. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 19, n. 3, p. 400-419, set./dez. 2023. DOI: https://doi.org/10.5335/rdes.v19i3.14400

NEITZEL, Adair de Aguiar; STEIL, Isleide; BARONTINI, Marcella. Corpografias na leitura do literário. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 70, p. 291-307, jul./ago. 2022. DOI: https://doi.org/10.12957/teias.2022.64640

NEUMANN, Daiane; ANJOS, Aroldo Garcia dos. A atualização da experiência humana: o poema em questão. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 16, n. 1, p. 101-113, jan./abr. 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v16i1.10383

O CORPO DANÇANTE E A CIDADE – Itajaí/SC. Itajaí: [*s. n.*], 2021. 1 vídeo (15 min 30 s). Publicado pelo canal: Isleide Steil. Disponível em: https://youtu.be/QgirXvOQf7I?si=OAk32eejQTzEyw-3. Acesso em: 29 jan. 2025.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de Pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Tradução: Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

RIBEIRO, Fransué; CARVALHO, Carla. O vazio e o ser entreaberto: uma reflexão sobre formação docente e arte. *In*: CARVALHO, Carla; SOUZA, Marco Aurélio da Cruz (org.). **Arte e estética na educação**: olhares sensíveis sobre corpo, formação docente e educação estética. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-135.

SASTRE. Cibele; SILVA, Tatiana Cardoso da. Entre propor e atuar: diário de bordo como cartografia. *In*: ICLE, Gilberto (org.). **Formação e processos de criação**: pesquisa, pedagogia e práticas performativas. São Paulo: Editora Max Limonad, 2021. p. 163-190.

STEIL, Isleide. **Educação estética e o corpo dançante na escola**. 2021. 157 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2021.

Recebido em: 25/04/2025.
Aceito em: 02/05/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Isleide Steil
Pós-doutorado (em andamento) na Universidade Federal do Paraná (UFPR), integrante do Grupo de Pesquisa LICORES; Doutora em Educação - Univali (2021); Mestre em Educação - UNIVALI (2016); Possui MBA em Dança pela Faculdade Inspirar - Curitiba/PR (2012); Pós-graduação em Corpo Contemporâneo (2005) pela Faculdade de Artes do Paraná; Graduação em Dança (2001) pela Faculdade de Artes do Paraná. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora da Univali. Parecerista Ad Hoc da ANPED. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação, Curso de Pedagogia e do Colégio de Aplicação da Univali - Itajaí. Foi docente do Curso de Artes Visuais da Univali, do Curso de Educação Física da Univali; do Curso de Licenciatura em Dança da FURB. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Dança, e desenvolve pesquisas nas áreas de dança na escola, mediação cultural, educação estética e artes. Membro do Comitê Científico do Grupo de Estudos Corpo e Educação da ANPED Sul.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1844-3307
E-mail: isleidesteil12@gmail.com

Adair de Aguiar Neitzel
Professora da Universidade do Vale do Itajaí, orientando pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIVALI, no âmbito do Mestrado e Doutorado. Atua na graduação no ensino EaD com ampla experiência nas disciplinas digitais. De 2013-2014 recebe bolsa da CAPES para o Programa de Estágio Sênior no Exterior, Pós doutorado na Universidade Paris VII - Diderot, desenvolvendo pesquisas sobre literatura em colaboração com a professora Anne Kupiec no Laboratoire de Changement Social et Politique (LCSP). Nos anos 2010-

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

2013 e no ano de 2015 bolsista da CAPES para atuar como Coordenadora Institucional do PIBID UNIVALI. Em 2017 atua no PIBID UNIVALI como coordenadora de área do curso de Letras. Bolsista do CNPq no ano 2000 para cursar doutorado sanduíche na Sorbonne Nouvelle sob a orientação de Henri Behar, desenvolvendo pesquisa sobre Literatura e Informática. Participa de 03 redes de pesquisa internacionais: a) Trabalho de cooperação internacional com as pesquisadoras Agnès Lontrade e Sandrine Morsilo da Universidade Paris I, IInstitut ACTE (Arts, Créations,Théories, Esthétiques); b) Trabalho de cooperação internacional com 22 universidades da América Latina, executada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, intitulada Formação docente em e com artes/culturas; c) Trabalho de cooperação internacional com 1 universidade Italiana (UNIMORE) e 8 universidades brasileiras, executada pela UNIVALI e pela UNIMORE, intitulada Rede Internacional de Cooperação e Pesquisa em Educação Estética. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa para o ensino fundamental e ensino médio da rede pública estadual de educação de Santa Catarina entre os anos 1982-2006. Possui graduação em Letras (Português/Inglês) pela Universidade da Região de Joinville/SC, Mestrado em Teoria Literária e Doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, ambos os cursos sctricto sensu com bolsa CAPES. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora. Pesquisa os seguintes temas: literatura, arte na educação, leitura em meio digital, formação de leitores, formação de professores e educação estética. Integrante da Coordenação Adjunta da SEB/MEC do PNLD Literário 2021 - objeto 5. Avaliadora do SEB/MEC do PNLD didático 2022.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0096-5892
E-mail: neitzel@univali.br

Carla Carvalho
Possui graduação em Licenciatura Plena Em Educação Artística pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1998), mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (2003) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2008). Realizando Pós-doutorado na Universidade do Rio Grande (FURG) em Letras - Estudos da Linguagem Atualmente é professora da Fundação Universidade Regional de Blumenau no Departamento de Artes e no Programa de Pós-Graduação em Educação. É Líder do GPAEE - Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação. Atua no Programa Arte na Escola. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arte e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, arte na educação, mediação cultural, educação estética e formação de professores de arte.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1402-7920
E-mail: carcarvalho@furb.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

STEIL, Isleide; AGUIAR NEITZEL, Adair de; CARVALHO, Carla. VIVÊNCIAS (IM)PENSADAS PARA O CORPO NA EDUCAÇÃO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 67, N. 67, p. 1-22, Dezembro, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br